

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – SARAH MALDOROR, A POESIA DA
IMAGEM RESISTENTE
2 de Setembro de 2021

AIMÉ CÉSAIRE, UN HOMME, UNE TERRE / 1976

Realização e Argumento: Sarah Maldoror / Direcção de Fotografia: Maurice Perrimond / Som: Jean-Claude Brisson / Montagem: Françoise Belloux / Com Aimé Césaire

Produtor: Jean-Claude Guidicelli / Cópia: digital, cor, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 57 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

LOUIS ARAGON, UN MASQUE À PARIS / 1978

Realização: Sarah Maldoror / Texto: Jean Riset / Com Louis Aragon

Cópia: digital, cor, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

L'ENFANT CINÉMA / 1996

Realização: Sarah Maldoror / Argumento: Sarah Maldoror e Greg Germain / Com: Peter Seinín, Christophe Grundmann, Bruno Ouzeau, etc.

Cópia: digital, cor, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 19 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Três exemplos, colhidos num espectro de vinte anos, do trabalho de Sarah Maldoror em formatos curtos, documentais ou não estritamente ficcionais, e em variação do filme para televisão, meio e destino, ao que podemos saber, dos três títulos apresentados nesta sessão.

O primeiro é o mais longo. É um filme sobre a palavra de Aimé Césaire, ouvido em diversas instâncias e espaços diferentes, o que pressupõe um diálogo continuado durante algum tempo, onde ele discorre sobre si, sobre a Martinica onde nasceu, sobre as relações das colónias francesas nas Antilhas com a França continental, numa longa prelecção histórica que é, acima de tudo, um olhar sobre as formas específicas do colonialismo francês e da cultura da Martinica. Há imagens de arquivo, e documentos (gravuras, etc) que testemunham aspectos da cultura da ilha em questão – fazer o seu elogio, ou a sua *répérage*, também é evidentemente um assunto para o filme de Maldoror. Fiel ao propósito presumivelmente didáctico do encaixe do filme num formato de “programa cultural”, é um filme que vive do tema e do texto, e sobretudo da palavra de Césaire, algo que Maldoror não disfarça, reduzindo ao mínimo a “ilustração” e o “espectáculo”.

De palavras, mas agora com um pouco mais de “teatro”, vive também o filme sobre e com Louis Aragon. O velho surrealista, que morreria quatro anos depois do filme de Maldoror (e já tinha sido filmado, nos anos 60, por outra cineasta francesa, Agnès Varda, em **Elsa la Rose**), é filmado em sua casa, no meio dos seus móveis, objectos, livros e, sobretudo, fotografias, numa semi-ritualização das suas palavras que tem como principal adereço uma máscara, vagamente reminiscente das máscaras africanas, e que lança o mote para um dos temas do filme, o papel da “alteridade” na tradição surrealista, a forma como os surrealistas imaginaram, e deram voz, ao Outro. Muito curto, vive da presença de Aragon, sempre a brilhar de inteligência e humor.

Finalmente, o filme desta sessão que mais esquece as palavras e as troca por imagens. É o cinema que estão em questão em **L'Enfant Cinéma**, um dos muitos filmes, curtos ou longos, que em meados dos anos 1990 foram produzidos (sobretudo em França) a propósito do centenário das sessões Lumière ocorrido em 1995. O mais interessante deste filme – que tanto evoca a relação do cinema com a infância, através do miúdo protagonista, como faz desse protagonista uma metáfora para o próprio cinema na sua infância – é funcionar como uma espécie de feérie, uma viagem de comboio-fantasma, sem horrores mas com maravilhas, pela iconografia clássica do cinema (os Lumière, naturalmente, à cabeça, mas também Chaplin e uma série de outras figuras). Entra-se no subterrâneo da antiga Cinemateca Francesa em Chaillot para um percurso pelo museu montado por Henri Langlois, e toda essa memorabilia é como que visitada pela primeira vez, através dos olhos inocentes da “criança cinema”, numa celebração que não impede certos pormenores (as sugestões da dominante colonialista em que o cinema nasceu e que foi o tempo do cinema durante boa parte da sua existência) inscrevam essa celebração na História e nas suas amarguras.

Luís Miguel Oliveira